

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 60457
Título: Viagem ao universo da Fonseca, Taylors e Croft					Temática: Turismo/Viagens	GRP: 5.1
2006/08/26	PUBLICO – FUGAS	Pág.14	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.



Quinta da Roêda

Pedro Garcias passou dois dias no universo da Fladgate Partnership. Visitou as caves em Gaia, provou vinhos, mas foi no Douro que teve as maiores surpresas, ao verificar o trabalho pioneiro que aquele grupo está a fazer nas vinhas das suas quintas mais importantes, como Vargellas e Roêda, entre outras. As fotografias são de Fernando Veludo.

O sucesso começa na vinha

Viagem ao universo da Fonseca, Taylor's e Croft

Era um dos primeiros dias de Maio, mas a temperatura na Quinta de Vargellas, na transição do Cimo Corgo para o Douro Superior, parecia de Verão. Embora o vale naquele troço seja um pouco mais aberto e a presença majestática do rio, correndo entre a imponência de Vargellas e a grandeza da Quinta dos Canais, na margem oposta, atenuasse um pouco o ambiente, o ar estava já pesado de mais para a época. Como seria em Julho ou em Agosto? Como é possível que as vinhas, e as pessoas, aguentem temperaturas que chegam a rondar os 50 graus centígrados? Como é que alguém consegue fazer grandes vinhos em condições tão extremas?

No Alto Douro, sempre se colocam estas interrogações, mas os anos passam e os vinhos vão sendo cada vez mais aclamados. Veja-se o caso da Fladgate Partnership, a holding do grupo familiar que detém

marcas como a Taylor's, Fonseca, Croft e Delaforce: o Fonseca Vintage 2003 foi eleito o ano passado como o terceiro melhor vinho do Mundo pela *Wine Enthusiast*; quatro dos seus vintages (1927, 1948, 1977 e 1994) obtiveram 100 pontos da influente revista americana *Wine Spectator* (algo que nenhuma outra empresa do sector jamais conseguiu); e o Taylor's Vintage 1994 obteve também 100 pontos da *Wine Spectator*, os mesmos que Robert Parker, o grande guru do vinho a nível mundial, atribuiu aos vintages de 1948 e 1992 (aos dois últimos vintages da Taylor's, 2000 e 2003, Parker atribuiu 98+).

Claro que, em termos de vintages, a Fladgate Partnership não leva todos os louros. Marcas como a Noval, Graham's, Dow's e Niepoort também têm tido um grande reconhecimento nacional e internacional, logo seguidas da Ramos Pinto, Ferreira e Cockburn's.

Haverá muitas razões que expliquem o sucesso da Fonseca ou da Taylor's. Uma delas é a dedicação exclusiva do grupo ao negócio do vinho do Porto, coisa rara nos

dias de hoje. Outra é a sua forte ligação à terra. "Nós temos um milhão e 200 mil pés de videiras no Douro", sublinha Adrian Bridge, o director-geral do grupo. O saber enológico, transmitido de geração em geração, e a fidelidade a receitas de sucesso (a pisa a pé em lagares de granito, por exemplo) também são decisivos. Mas o vinho começa a fazer-se na vinha e é aí, na investigação e desenvolvimento vitícola, que a Fladgate Partnership, a par da Cockburn's, se tem imposto, chegando a ser pioneira em muitas áreas, graças, em grande parte, a António Magalhães (na foto em baixo), um dos mais reputados técnicos de viticultura do Douro e responsável máximo por esta área naquele grupo.

O desastre dos patamares largos

"Está a ver aqueles patamares meio derrubados?", observa António Magalhães do alto da Quinta de Vargellas, apontando para a Quinta dos Canais. "Se tivessem sido construídos correctamente, para permitir o escoamento das águas das chuvas, não tinham desaba-

do", explica.

A observação do técnico não denota qualquer tipo de desdém pela quinta da Cockburn's. Na Quinta de Vargellas, a jóia da coroa da Taylor's, que também integra no seu seio as quintas da Terra Feita e do Junco, também foram cometidos os mesmos erros e até outros. E as primeiras grandes plantações em patamares de dois bardos efectuadas há menos de 30 anos estão já a ser reconvertidas. "De forma faseada, para não dominar a idade média das vinhas", anota António Magalhães.

A aposta nas vinhas em patamares de dois bardos tem sido calamitosa para a paisagem e a viticultura do Douro. O grande desafio actual da viticultura duriense, que é uma viticultura de montanha, é, para além do melhoramento do potencial produtivo e qualitativo das vinhas, evitar a erosão dos solos. Com patamares de taludes naturais em terra com 3,5 metros de largura e duas linhas de videiras, a erosão é inevitável. Porque os patamares dizem-se de nível, mas, na verdade, como sublinha António Magalhães, "são

irregulares no seu percurso". Para este técnico, os modelos alternativos são a plantação de vinha "ao alto" em declives inferiores a 40 por cento com talhões mais pequenos e uma maior eficiência mecânica para diminuir a penosidade do trabalho; e, para declives superiores a 40 por cento, a plantação de patamares estreitos (2,3 a 2,5 metros de largura) com uma só linha de videiras a 1,8 metros da base do talude. As vantagens são inúmeras: os taludes são mais baixos e podem ser tratados mecanicamente e a menor densidade de plantação é compensada com um aumento da produção e da qualidade das uvas, uma vez que as videiras são plantadas no aterro do patamar, o que lhes garante um maior vigor.

Sistema de laser para terracear vinhas

Estes modelos de plantação não são uma invenção exclusiva da Fladgate Partnership, embora esta esteja na vanguarda da sua aplicação. Além de Vargellas (a jóia da coroa da Taylor's), também as quintas da Terra Feita e da Roêda, no Pinhão – sobre a qual Vega Cabral, poeta do século XIX, disse que, "se a Região Demarcada do Douro fosse um anel de ouro, a Roêda seria o diamante" –, entre outras, estão a sofrer uma verdadeira revolução.

Mas onde o grupo se mostrou pioneiro foi na utilização de um sistema de laser no terracamento das vinhas, para assegurar que os novos patamares tenham em todo o seu percurso uma inclinação longitudinal de 3 por cento, de modo a permitir o escoamento das águas da chuva em excesso. Porque o tempo de confiar na perícia do maquinista já não se compadece com as exigências da viticultura actual. Do mesmo modo que é cada vez mais difícil manter os socalcos tradicionais.

Mas também aqui, sobretudo nos socalcos mais largos, António Magalhães encontrou uma solução engenhosa. O ovo de Colombo foi abrir um acesso para os socalcos e rasgar um caminho junto à base do talude superior com largura para passar um tractor, permitindo, assim, a sua mecanização. Com estes e outros investimentos nas vinhas, "pretendemos garantir uma melhor distribuição das castas, tornar o trabalho menos penoso e mais amigo do ambiente e preservar o melhor das vinhas velhas", resume António Magalhães. É assim que nascem os grandes vinhos. ☺

